

Rachel Barros Nigro

Desconstrução Linguagem Política

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Duque Estrada

Rio de Janeiro
Agosto de 2007

Rachel Barros Nigro

Desconstrução Linguagem Política

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof Paulo Cesar Duque Estrada

Orientador

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof Danilo Marcondes

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof Miroslav Mirovic

(Unb)

Prof Norman Madarasz

(UGF)

Prof Nythamar de Oliveira

(UFRS)

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2007.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Rachel Barros Nigro

possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (1998) , mestrado em Ciências jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica do rio de janeiro (2000) e mestrado em Filosofia pela Pontifícia universidade do Rio de Janeiro (2003) . Atualmente é Quadro complementar da Pontifícia universidade do Rio de Janeiro.

NIGRO, Rachel Barros

Desconstrução Linguagem Política /Rachel Barros Nigro; orientador: Paulo Cesar Duque Estrada. – Rio de Janeiro: PUC; Departamento de Direito, 2007.

279.f; 30 cm

1. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito.

Inclui referências bibliográficas.

1.Direito – Tese. 2. Desconstrução. 3. Linguagem. Política. 4. Pragmática. I. Nigro, Rachel Barros. II. Estrada, Paulo Cesar Duque. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. IV. Título.

CDD: 100

FABLE

*Par le mot par commence donc ce texte,
Dont la première ligne dit la vérité,
Mais ce tain sous l'une et l'autre
Peut-il être toléré?
Cher lecteur déjà juges
Là de nos difficultés...*

*(APRÈS sept ans de malheurs,
Elle brisa son miroir).*

(Francis Ponge)

AGRADECIMENTOS

À minha família, Orlando, Helena e Isabela, cujo apoio incondicional me permite a dedicação exclusiva à vida acadêmica;

À todos os professores que ajudaram a despertar o meu interesse pela filosofia, especialmente Antonio Cavalcanti Maia que, com sua energia e entusiasmo, faz tudo parecer bem mais fácil do que realmente é; à Leandro Konder, cujas aulas marcaram minha entrada na filosofia; à Danilo Marcondes, cujas aulas me ensinaram, muito além que o conteúdo filosófico, a postura exemplar de um professor;

Ao Need, Núcleo de estudos em ética e desconstrução, formado pelos colegas e amigos Rafael Haddock-Lobo, Ana Maria Continentino, Carla Rodrigues, Tatiana Grenha e a estrangeira Lígia Saramago, cujas discussões foram e são fundamentais para o desenvolvimento desta tese;

À Paulo Cesar Duque-Estrada, orientador e amigo que, com sua serenidade e carinho, faz com que as exigências de rigor e seriedade pareçam menos pesadas do que são;

Enfim, dedico esta tese à Jean-Marc e a nossa filha Olivia (*à venir*)

Resumo

Nigro, Rachel Barros, Duque Estrada, Paulo Cesar. **Desconstrução Linguagem Política**. Rio de Janeiro, 2007, p.279 Tese de Doutorado — Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Desconstrução Linguagem Política promete trabalhar a noção de linguagem no pensamento desconstrutor e a questão política que ela evoca. Em termos mais precisos, *Desconstrução Linguagem Política* pretende investigar até que ponto a desconstrução pode ser considerada uma filosofia pragmática da linguagem e qual a sua relação com a esfera política.

Palavras-Chaves

Desconstrução, Linguagem, Política, Pragmática

Abstract

Nigro, Rachel Barros, Duque Estrada, Paulo Cesar. **Deconstruction Language Politics**. Rio de Janeiro, 2007, p.279 Tese de Doutorado — Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Deconstruction Language Politics promise to work on the notion of language in deconstruction's thought and on the political question it evokes. More precisely, *Deconstruction Language Politics* intends to investigate what are the possibilities to consider deconstruction a pragmatic philosophy of language and what is its relation to the political realm.

Keywords

Deconstruction, Language, Politics, Pragmatic

Sumário

1 – Introdução	15
1.1 Primeira aporia	16
1.2 Desconstrução e Metafísica	22
PARTE 1 A LINGUAGEM	
2 – A Virada Lingüística na filosofia contemporânea	31
2.1 Frege e o descolamento entre sentido e referência	35
2.2 Espectro Husserl	38
2.3 Movimento de Temporização e <i>différance</i>	57
3 – O Giro linguístico na Tradição Alemã	66
3.1 O Expressivismo alemão	66
3.2 Humboldt e a virada copernicana da linguagem	75
3.3 Espectro Heidegger	93
3.4 Derrida herdeiro de Heidegger	114
3.5 Derrida crítico de Heidegger	126
4 – A Virada pragmática	144
4.1 Considerações iniciais	144
4.2 Wittgenstein e os jogos de linguagem	151
4.3 Austin e a dimensão performativa da linguagem	157
4.4 Respostas a Searle	161
PARTE 2 - A DESCONSTRUÇÃO	
5 - A Escritura derridiana	180
5.1 Virada e deslocamento	180
5.2 A oposição entre fala e escrita	184
5.3 Gramatologia e Lingüística	190
6 - Os traços disseminantes da escritura	208
6.1 Indecidível <i>différance</i> ou o pensamento do rastro	208
6.2 A <i>différance</i> e a força performativa da linguagem	214
6.3 <i>Différance</i> e lei	217
6.4 O tempo da <i>différance</i>	222
6.5 <i>Différance</i> e a língua da filosofia	226
6.6 O caráter ex-apropriativo da língua	233
6.7 As promessas da escritura	239

PARTE 3 – POLÍTICA

7 – Desconstrução (é) Política	252
8 - Notas conclusivas	265
9 - Bibliografia	272

PREFÁCIO – Da Identidade à *différance*

A presente pesquisa, iniciada no curso de mestrado em Direito, cuja dissertação foi defendida em março de 2000, partiu de uma questão política bastante atual, a saber, a crise de soberania enfrentada pelos Estados nacionais frente aos imperativos globalizantes. Antes mesmo dos acontecimentos marcantes de 11 de setembro de 2001, as principais categorias da filosofia política já encontravam-se desafiadas pelas transformações tecnológicas, econômicas e sociais em curso. Alguns conceitos estruturantes da modernidade, herdadas do iluminismo, como a soberania do Estado-nação, a democracia de base territorial, o direito internacional e as demais construções jurídico-políticas modernas, já não respondiam às questões contemporâneas, especialmente ao fenômeno de desterritorialização da política e da economia.

Nesse cenário global, os Estados nacionais, especialmente os mais fracos, reduzem-se a meros administradores de crises de legitimidade e de governabilidade. Enquanto isso, o mercado financeiro e sua mão invisível conduzem populações inteiras à miséria absoluta, enquanto outros poucos acumulam fortunas inimagináveis, aumentando o fosso da desigualdade social que parece se aprofundar mesmo nas democracias ditas avançadas. Pensadores de correntes diversas, até mesmo politicamente antagônicas¹, concordam quanto à necessidade de repensar a democracia, a cidadania e as formas possíveis de organização e participação política dentro desse novo contexto global. De formas variadas e com enfoques distintos, todos admitem a urgência de reformulações, desconstruções, reconstruções e reinvenções das categorias modernas que forjaram o imaginário social desde as revoluções burguesas, construindo a organização política e social que hoje assumimos como natural: o Estado democrático de Direito com base territorial alicerçado pelas noções correlatas de cidadania e identidade nacional.

Dentro dessa miríade de questões inter-relacionadas, minha primeira dissertação de mestrado em Direito se concentrou na análise inter-disciplinar da noção de identidade coletiva, especialmente de identidade nacional, enquanto

¹ A reforma da Organização das Nações Unidas, por exemplo, é uma medida defendida por teóricos marcadamente de direita, como Francis Fukoyama e por pensadores marxistas, como Toni Negri, passando por Jurgen Habermas e mesmo por Jacques Derrida.

mecanismo moderno de agenciamento coletivo que sustenta a legitimidade democrática do Estado-nação. De modo ainda mais específico, a pesquisa pretendeu contribuir para uma reflexão do discurso sobre a identidade nacional brasileira, ou seja, das narrativas identitárias que constituíram o Brasil como uma ‘nação moderna’.

Já no segundo mestrado, agora no ambiente da Filosofia, decidi aprofundar a questão da identidade nacional através da leitura mais cuidadosa do filósofo canadense Charles Taylor, na tentativa de compreender melhor o fenômeno de identificação coletiva. Nesse sentido, ainda bastante influenciada pela idéia de ‘identidade nacional’, fui conduzida, através de Taylor, à noção da linguagem como expressão e constituição de mundo. No entanto, apesar de apontar a importância da língua na formação da identidade nacional, Taylor ainda conserva, de modo não problematizado, a noção de identidade e, conseqüentemente, de sujeito coletivo uno e idêntico a si mesmo.

Seguindo minha trajetória na filosofia, já no mestrado de filosofia iniciado em 2001, deu-se o encontro com o pensamento de Jacques Derrida. No entanto, devido à complexidade que seu pensamento demanda e que, por isso, exige um certo tempo de ‘maturação’, apenas no início das pesquisas do doutorado e com a contribuição das discussões travadas no Need², é que abriu-se para mim um novo espaço de reflexão que me permitiu pensar em outro registro a questão da identidade nacional. Com efeito, a desconstrução aponta, de modo potente, para a possibilidade de pensar o vínculo de pertencimento que estrutura o princípio da nacionalidade através de um outro enfoque, ou seja, para além das categorias metafísicas de povo e sujeito, ou de povo/nação como o sujeito coletivo por excelência. Ou seja, a desconstrução surgiu para mim como um pensamento vigilante e atento para a inevitável armadilha metafísica da linguagem, sem, contudo, renunciar a falar sobre tais armadilhas, como a questão da identidade nacional.

A princípio, pretendi escrever uma tese que relacionasse a noção de escritura desenvolvida por Derrida e a linguagem utilizada nos discursos sobre a identidade nacional. Gostaria de apresentar a utilização (política) do **poder da escritura** (de uma certa característica estrutural da linguagem que comanda a

² Need - Núcleo de estudos em ética e desconstrução, grupo de pesquisa coordenado pelo professor Paulo Cesar Duque-Estrada.

construção de sentidos) na **construção de identidades** fixas e estabilizadas, como as identidades nacionais, tal como foram estabelecidas na modernidade. Em outros termos, gostaria de mostrar como a construção de identidades coletivas passa necessariamente pela imposição de uma língua – porque é na e pela linguagem que se constrói algo como uma nação. O título estava pronto e me parecia muito bonito: “A escritura da Nação”.

Dentro desse primeiro esquema, a tese partiria da hipótese de que os discursos sobre identidade coletiva (em especial, desde a modernidade, o discurso nacionalista) utilizam-se da ambigüidade estrutural da linguagem em geral, presente em todas as línguas particulares, na construção de ‘mundos nacionais’. Gostaria de mostrar como o discurso da nacionalidade retira sua força narrativa e psicológica da ambivalência da própria linguagem, a sua ‘lei da indecidibilidade’, visto que esta ambigüidade é promissória, messiânica, mas também perversível, ou seja, ela lança uma promessa/ameaça para o futuro indefinido. De modo emblemático, o discurso em torno da nacionalidade revela a ambivalência da própria linguagem e sua permanente contaminação pela alteridade. Para tanto, pretendia apoiar-me nos textos sobre o nacionalismo em culturas pós-coloniais de Homi Bhabha, crítico indo-britânico que trabalha na trilha da desconstrução. Segundo Bhabha: “*It is the project of Nation and Narration to explore the Janus-faced ambivalence of language itself in the construction of the Janus-faced discourse of the nation*”³.

Nesse sentido, minha pesquisa buscava explorar a dupla face da linguagem, especialmente a retórica utilizada no discurso nacionalista, enquanto um discurso que é efeito da *écriture*, ou seja, que pertence ao sistema total de referências e diferencialidades que constituem a linguagem, tal como a entende a desconstrução.

Pretendendo ou prometendo realizar uma leitura desconstrucionista do nacionalismo, a tese buscava, no interior da linguagem expressivista dos discursos nacionalistas, os sinais ou os sintomas de um desejo de originalidade e autenticidade, sintomas que revelam uma filosofia ainda refém do significado transcendental, ou seja, da referência única, do sentido, do sujeito (self), da idéia clara e distinta, enfim, da presença a si que se exprime numa língua. Seguindo

³ Bhabha, Homi (org.), *Nation and Narration*, Introduction, pág. 3. Routledge, London and New York, 1990.

Derrida, queria mostrar como esse desejo de identidade, de autenticidade e de pertencimento são experiências lingüísticas ambivalentes, ambíguas e cujas promessas nunca serão cumpridas. Ao desconfiar de todas essas pretensões metafísicas, a desconstrução propõe uma nova forma de entender a linguagem, problematizando a própria noção de signo e de sentido. Com este novo estilo de pensamento e através de uma nova compreensão da linguagem enquanto promessa, a questão da identidade nacional ganharia, portanto, uma nova visada. E certas famosas afirmações ganhariam outro brilho, como por exemplo:

“MINHA PÁTRIA, MINHA LÍNGUA”

Entretanto, infelizmente ou felizmente, fui ‘obrigada’ a abandonar este projeto inicial porque a questão da linguagem transbordou e invadiu todo o espaço desta pesquisa. Antes de tudo, lá estava ela. E não pude desviar de sua onipresença, fui obrigada a atravessá-la para chegar ao meu objetivo: pensar a linguagem do nacionalismo sob o viés da desconstrução. Mas não cheguei nunca ao nacionalismo, mal pude tocar a noção do ‘político’. Permaneci na linguagem, ‘abduzida’ pelo seu poder de ‘meio absoluto’, como diz Derrida. No entanto, mesmo abandonando a questão da identidade nacional *stricto sensu*, acredito que a tese ainda guardou um pouco da intenção original, ou seja, a de pensar a possibilidade da política no mundo globalizado, para além das categorias políticas e jurídicas da modernidade, como soberania, estado-nação e cidadania.

Desse modo, resumindo violentamente meu trajeto, posso dizer que fui conduzida, na trilha da desconstrução, da identidade à *différance*. Pensando a linguagem e seu jogo de diferenças, tive que abandonar a identidade. Mas talvez este seja o trajeto ‘natural’ de uma pesquisa sobre a desconstrução. Abandonar o projeto inicial porque ele já estava sobredeterminado, já estava teleologicamente marcado pela intenção de ‘defender’ certos tipos de nacionalismo (o brasileiro, desde que não chauvinista). Mas a desconstrução e sua linguagem me fizeram desviar para a diferença e para a impossibilidade de separar o ‘bom’ do ‘mau’ nacionalismo. Derrida e seus textos complexos me fizeram enxergar que isso tudo, o nacionalismo, o bem, o mal, a identidade, a política, enfim, ‘tudo’ é efeito da linguagem enquanto escritura, é efeito do jogo da *différance*. Logo, só resta pensar isso.